

NOTA TÉCNICA

NOTA DE INFLAÇÃO – ERRO DE PREVISÃO

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

NOTA TÉCNICA

NOTA DE INFLAÇÃO – ERRO DE PREVISÃO

Rio de Janeiro, dezembro de 2008

NOTA DE INFLAÇÃO – ERRO DE PREVISÃO

O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) registrou alta de 0,36% em novembro, acumulando no ano uma variação de 5,6%, ficando, portanto, acima do teto da previsão de 5,0%, feita pelo Grupo de Análises e Previsão (GAP) e divulgada na *Carta de Conjuntura* de março de 2008. Desta forma, esta nota tem por objetivo identificar e analisar os fatores responsáveis pelo aumento da inflação em nível superior ao por nós projetado, bem como divulgar a nova previsão do IPCA para o ano corrente.

Após encerrar o ano de 2007 com uma variação de 4,5%, o IPCA continuou acelerando ao longo do primeiro trimestre, de modo que, ao fim do primeiro quadrimestre, esta variação acumulada em 12 meses já era superior a 5,0%. Grande parte dessa aceleração inflacionária decorreu tanto de problemas de safra internos quanto da forte elevação dos preços das *commodities* agrícolas, cujos efeitos, apesar de minorados pelo câmbio, tiveram impacto na elevação dos Índices de Preços por Atacado (IPAs). Conseqüentemente, esta alta de preços no atacado chegou ao varejo e afetou os preços dos alimentos.

De fato, os preços agrícolas no atacado iniciaram uma trajetória ascendente expressiva, a partir do segundo semestre do ano passado, impulsionada pelo aumento da demanda por grãos (vinda principalmente dos países asiáticos) e pela expansão da produção de etanol, que deslocou parte da produção destinada à alimentação para a fabricação de combustível, além dos reajustes nos custos de produção, impactados pelos aumentos nos preços dos fertilizantes.¹ A partir do segundo trimestre deste ano, com o início da comercialização das novas safras, na maioria superiores às do ano anterior, era esperado um arrefecimento nos preços dos alimentos. Entretanto, na prática, observou-se justamente o contrário: houve problemas de safra no Brasil e no exterior e os preços agrícolas aceleraram ainda mais. A tabela 1 mostra as maiores altas relacionadas aos alimentos ao longo do primeiro semestre de 2008 e suas respectivas causas:

TABELA 1

Produto: razões da alta de preços

Arroz	Política restritiva de alguns países exportadores, aumento da demanda internacional para recomposição de estoques e aumento das exportações brasileiras
Carne bovina	Substituição da área de pastagem pela cultura de grãos e ampliação das exportações para a Ásia e a Rússia.
Feijão	Diminuição da área plantada e quebra da produção devido às fortes chuvas no primeiro trimestre.
Frango	Aumento da demanda ocasionado pelo efeito substituição à carne bovina.
Milho	Adoção pelos Estados Unidos da política de etanol do milho como substituto da gasolina.
Soja	Quebra da safra da China e adição de 2% de biocombustível à base de soja ao diesel brasileiro.
Trigo	Restrição ao comércio do trigo por parte da Argentina e dos Estados Unidos.

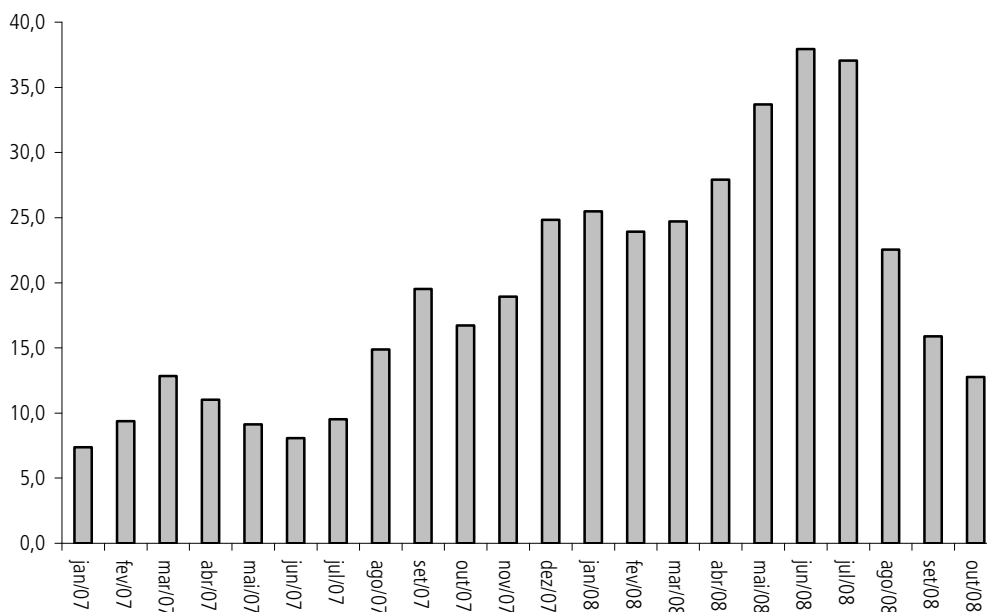
Fonte e elaboração: Ipea/Dimac/GAP.

Conseqüentemente, a reversão da trajetória de aceleração dos alimentos esperada para o início do segundo trimestre só começou a ocorrer no trimestre seguinte, ou seja, a partir de julho, e mesmo assim de forma mais moderada do que se supunha inicialmente. De acordo

1. A forte escalada no preço do petróleo durante o ano só não trouxe maiores impactos à inflação brasileira devido à decisão governamental de reduzir a alíquota da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre os combustíveis, o que possibilitou a manutenção dos preços da gasolina no mercado interno.

com o gráfico 1, que retrata a curva dos preços agrícolas no atacado no acumulado em 12 meses, verifica-se que em junho o IPA agrícola atingiu o seu ápice desde o início desta escala de preços, chegando a registrar uma alta próxima a 38%.

GRÁFICO 1
Índice de Preços Agrícolas por Atacado – DI
 (variação acumulada em 12 meses)



Fonte: FGV. Elaboração: Ipea/Dimac/GAP.

Repercutindo esses reajustes de preços no atacado, o grupo alimentação, dentro do IPCA, continuou mostrando expressiva aceleração ao longo do primeiro semestre, contrariando uma trajetória de leve recuo esperada. Por conseguinte, no período janeiro-novembro, esse grupo acumula alta próxima a 11%, o que explica 40% da variação total do IPCA em 2008.

O aumento dos alimentos no varejo, conforme já foi explicitado, decorreu, em um primeiro momento, das altas desses preços no mercado mundial, mas foi de certa forma potencializado pelas boas condições de demanda no mercado doméstico. De fato, a conjunção de um cenário de significativa melhora no mercado de trabalho, com aumento de emprego e salário, aliado às políticas sociais implementadas no país, vem consolidando um crescimento do mercado consumidor interno que acaba, de certa maneira, proporcionando, mesmo diante de reajustes de preços, que a demanda continue respondendo positivamente. Este quadro de aquecimento do mercado consumidor, ajudado ainda pelos aumentos reais do salário mínimo e da continuidade da expansão do crédito, pode ser apontado como um importante fator responsável pelos aumentos dos preços livres no país este ano.

No caso dos serviços, enquanto em 2007, no acumulado do ano até novembro, este grupo registrou alta de 4,7%, em 2008, para o mesmo período de comparação esta variação é de 6,0%. Vale ressaltar que, para o cálculo desta variação, não foram considerados os serviços relacionados à alimentação fora do domicílio, uma vez que este subgrupo depende muito mais dos preços dos alimentos do que de mudanças no nível de demanda. Caso o item “alimentação

fora do domicílio” fosse incluído, a variação dos serviços ao longo do ano seria de 7,1%. Este incremento superior a 1,0 ponto percentual na variação dos serviços durante o ano pode ser apontado como o segundo fator responsável pelo erro de previsão, já que a projeção inicial era de relativa estabilidade neste grupo de preços entre 2007 e 2008. A tabela 2 mostra como se deu esses reajustes ao longo dos diversos tipos de serviços coletados pelo IPCA.

TABELA 2

IPCA: serviços

(Variação acumulada no ano, em %)

Residenciais	4,51
Transportes	6,34
Saúde	4,51
Pessoais	7,03
Educação	4,73
Comunicação	4,80

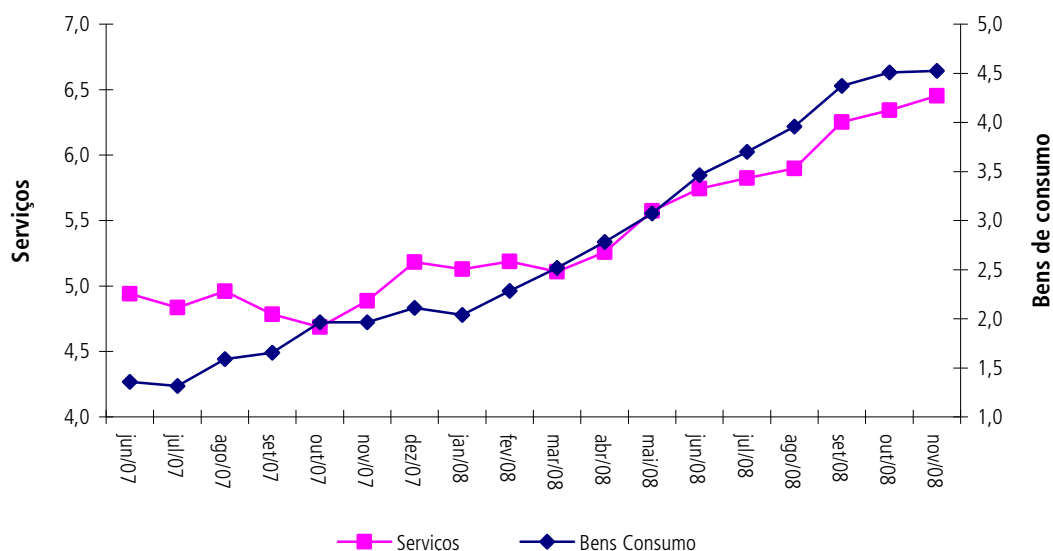
Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/GAP.

Seguindo a mesma tendência dos serviços, os demais bens livres, excluindo-se alimentos, também mostram uma aceleração, em 2008, bem maior do que a observada em 2007. Conforme mostra o gráfico 2, em que pese a apreciação do real ante o dólar, ao longo do primeiro semestre do ano, os bens de consumo duráveis e semiduráveis mais do que dobraram a sua variação acumulada em 12 meses no período janeiro-novembro de 2008. Esta aceleração dos preços dos bens de consumo também ficou acima das projeções iniciais, contribuindo para a superação da estimativa para o IPCA no ano.

GRÁFICO 2

IPCA: preços livres – excluindo alimentos

(Variação acumulada em 12 meses)



Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/GAP.

A tabela 3 mostra no acumulado do ano, até novembro, as contribuições dadas ao IPCA pelos grupos: administrados, alimentos, serviços e bens de consumo.

TABELA 3

IPCA: acumulado no ano

(Contribuições por grupos, em pontos percentuais)

IPCA	5,61
Administrados	0,88
Livres	
Alimentação	2,39
Serviços	1,39
Bens de consumo	0,96

Fonte: IBGE. Elaboração: Ipea/Dimac/GAP.

Em suma, a demora na desaceleração dos preços dos alimentos aliada a um maior reajuste nos preços dos demais bens e serviços livres fizeram com que o IPCA acumulado no ano ultrapassasse, em outubro, o teto das projeções de inflação feitas pelo Ipea. Desse modo, mantendo a projeção dos preços administrados em 3,6% e corrigindo os preços livres, cuja variação projetada passou de 5,6%, em março, para 7,4%, é esperado que o IPCA termine o ano com uma alta de 6,3%, mantendo-se, portanto, abaixo do teto da meta de inflação para 2008.